

## Uma forma lógica escondida!? Notas sobre o papel da metáfora de réguas e de alguns pressupostos logicistas no abandono do projeto tractariano

---

**Marcos Silva**

Universidade Federal de Alagoas  
marcossilvarj@gmail.com

---

**Resumo:** Discuto aqui o papel de alguns pressupostos logicistas influentes no abandono do projeto do *Tractatus* de Wittgenstein, como: i) toda proposição tem uma forma lógica determinada; ii) esta forma lógica não é visível na forma superficial da proposição; iii) esta forma lógica “escondida” é invariavelmente muito mais sofisticada do que pensamos; e iv) ela deve ser descoberta pelo filósofo. Neste sentido, examino o papel que a metáfora de réguas desempenha no *Tractatus* e na volta de Wittgenstein à Filosofia, me concentrando nos anos de 1929-1931. Mostro que esta metáfora evoluiu para abarcar novos desafios lógicos, como a representação de domínios holistas.

**Palavras-chave:** Palavras-chave: Wittgenstein, forma lógica, Tractatus, Logicismo, réguas

**Abstract:** I discuss here the role of some influential logicist presuppositions in the abandonment of Wittgenstein's Tractarian project, such as: i) every proposition has a determined logical form; ii) the logical form is not be found on the proposition's grammatical surface; iii) this “hidden logic” is invariably much more sophisticated than we usually think; and iv) philosophers have as their task to discover those “hidden” logical forms. For that, I investigate the role that the so-called metaphor of rulers plays in the *Tractatus* and in Wittgenstein's return to philosophy, by focusing on some remarks from 1929 and 1930. I show that this metaphor evolved to cope with new logical challenges, as the representation of holistic domains.

**Key words:** Wittgenstein, Logical form, Tractatus, Logicism, Rulers

*Nós não devemos temer que a contemplação dos símbolos nós afastará das coisas, mas, pelo contrário, isto nós conduz ao seu interior.*  
Leibniz, Carta a Tschirnhauß, 1678.

## Introdução

Assumo aqui que o projeto tractariano seja constituído fundamentalmente por duas teses principais: 1) a independência de estado de coisas/proposições elementares (cf. 2.062,<sup>1</sup> 4.211, 5.134-5, 5.5262), e 2) a exigência de análise (verofuncional) completa da proposição (cf. 3.25, 5 e 6). Esta hipótese tem como função explicar a razão pela qual Wittgenstein, em sua volta à Filosofia em 1929, teve de revisar a metáfora de régua apresentada no *Tractatus* (2.1512), depois do reconhecimento de um holismo peculiar (WWK “Farbensystem”, PB §81). Isto justifica a primeira baixa do seu projeto de juventude, a saber, a recusa da tese 1). A segunda baixa é a rejeição de uma demanda própria da tradição logicista: encontrar uma forma lógica determinada escondida das proposições. A recusa desta exigência como desencaminhadora torna irrelevante a antiga demanda tractariana de uma análise completa da linguagem. Defendo, então, que abandonar a tese 2), no fim de 1931, redunde no abandono do projeto tractariano.

## Proposição como *Bild* e proposição como *Maßstab*: o desenvolvimento de uma metáfora

Wittgenstein, em 1930, em um revelador *mea culpa* em relação à sua filosofia apresentada cerca de uma década antes no *Tractatus*, afirma no parágrafo 82 das PB:

As proposições neste caso [de proposições elementares dependentes] se tornam ainda mais semelhantes a régua

---

<sup>1</sup> Todos os números decimais no texto vêm do *Tractatus*. Aqui uso *Some Remarks* para *Some Remarks of Logical Forms*, WWK para *Wittgenstein e Wiener Kreis* e PB para *Philosophische Bemerkungen*. As traduções do alemão são tiradas da tradução brasileira de Luiz Henrique Lopes dos Santos. As outras são de minha responsabilidade.

[Maßstäben] *do que eu acreditava antes*. A determinação de uma medida exclui automaticamente todas as outras. Eu digo automaticamente: Assim como todos os traços [Teilstriche] estão em *uma régua* [Stab], as proposições que correspondem aos traços pertencem umas as outras [zusammengehören] e não se pode medir [messen] com uma delas sem simultaneamente medir com todas as outras. – Eu não posto uma proposição como uma régua contra a realidade, mas o sistema de proposições [Satzsysteme]. (p.110, meu itálico)

A analogia de uma régua afixada à realidade já aparece no contexto do *Tractatus* (2.1512-2.15121) para ilustrar a exigência de que proposições se comportassem como *Bilder*. Para se entender uma proposição deveríamos “colocá-la” contra a realidade assim como para utilizarmos uma régua precisamos colocá-la contra o objeto a ser medido. Contudo, *Bilder* não precisam, em princípio, ter prolongamentos em potencial ou estarem inseridas em um sistema de coordenadas como réguas deveriam. Na sua volta à Filosofia, a analogia de proposições com réguas é instrutivamente mais predominante que a analogia com *Bilder*. Este novo protagonismo de réguas é de certa forma natural. Como defendido no *Tractatus*, para medir um objeto, se demanda que os pontos mais extremos da régua toquem o objeto a ser medido. Wittgenstein parece estar ali apenas aludindo, em uma analogia despreziosa a importância, a se comparar a proposição com a realidade para a compreensão de seu sentido e para a determinação de seu valor de verdade. Ele, então, comenta uma metáfora (o enlaçamento da proposição com a realidade) com uma outra metáfora (da régua).

Entretanto, o que parece ter ficado desapercibido para ele é que, na medição de magnitudes, de grandezas contínuas, nós precisamos em verdade do sistema inteiro da escala métrica. Precisamos de todo o paradigma de medição para medirmos, por exemplo, uma mesa. Em certo sentido, temos que colocar a régua (ou fita métrica) contra a mesa, mas também todos o seu prolongamentos para poder medi-la. A explicação para isto é a seguinte: Se a mesa tiver três metros, ela não terá (e não pode ter) quatro metros, cinco metros, seis metros e

*Notae Philosophicae Scientiae Formalis*,  
vol. 3, n. 1, pp. 32 – 46, maio 2014.

assim por diante. Se um livro não tiver 10 centímetros de comprimento, ele terá que ter um outro comprimento: 11, 9, 12, 13 etc.. O que Wittgenstein parece não ter percebido, no *Tractatus*, no seu inocente uso da metáfora da régua para entender o comportamento semântico de proposições é que: não podemos pensar em um singular, assim como as marca da régua, e todos os outros traços de sua possível expansão, sem pensar no ambiente lógico ao qual este singular está, necessariamente, inserido e pelo qual ele é definido, organizado e entendido. Qualquer informação de um singular trará, pois, informações sobre o todo em que este singular está inserido necessariamente. Não podemos entender 3 metros, sem entender *toda* a metragem, no sentido, que não entendemos 3 metros isoladamente de entendermos que não é 4 metros, ou 5 metros, 6 metros e etc.. Este mesmo comportamento lógico holista pode ser encontrado na atribuição de cores: Se sabemos que um objeto não é, digamos, azul, temos que poder entender que ele pode ser, então, vermelho, verde, preto, amarelo etc. (onde este “etc.” percorre todo o sistema de cores).

Desta forma, há uma exigência natural de se reinterpretar a metáfora da régua no *Tractatus* após o reconhecimento do problema da exclusão de cores denunciado por Ramsey em sua resenha histórica de 1923:<sup>2</sup> Qual é o estatuto de uma proposição como “se um ponto do campo visual é verde, logo ele não é amarelo”? Isto parece ser necessário e *a priori*, mas é uma tautologia? Este problema cobre o nosso exemplo acima: Qual é o estatuto de uma proposição como “se tem 3 metros, logo não tem 4 metros”? Ela é uma tautologia? Wittgenstein deve repensar sua metáfora “inocente” sobre réguas no *Tractatus*, porque ela continha, em germe, todas as consequências de um holismo já escondido na própria noção de espaço lógico no *Tractatus* (SILVA, 2013a). Em outras palavras, a metáfora deve ser revista para acomodar a explosão de alternativas em um sistema organizado a partir de exclusões por contrariedades (SILVA 2011 e 2013b) e a ligação conceitual de seus elementos, por exemplo, em

---

<sup>2</sup> Para mais discussões sobre isto ver SILVA 2011. *Notae Philosophicae Scientiae Formalis*, vol. 3, n. 1, pp. 32 – 46, maio 2014.

casos como “um ponto do campo visual não é verde”, “a mesa não tem 3 metros de comprimento”, “a temperatura agora não é de 25 graus Celsius”, “o homem ali não tem 80 quilos” e etc.. Isto fica evidente nesta discussão do WWK:

Eu já tinha dito uma vez que: “uma proposição é como uma régua [*Maßstab*] posta contra a realidade. Somente as suas partes [*Teilpunkte*] mais externas tocam o objeto a ser medido”. Eu gostaria de dizer preferencialmente que: Um sistema de proposições é como uma régua posta contra a realidade. Eu quero dizer com isto o seguinte: Se eu postar uma régua contra um objeto espacial, assim eu posto todas as suas marcas ao mesmo ponto. (...) *Eu não sabia de tudo isto na elaboração do meu trabalho e queria dizer naquele tempo que toda dedução se baseava na forma da tautologia.* Eu não tinha visto que a dedução também pode ter a forma: Um homem tem 2 metros de altura, então não tem 3 metros de altura. Isto está relacionado com o fato de que eu acreditava que todas as proposições elementares deveriam ser independentes; da existência de um estado de coisas [*Sachverhalt*] não se poderia deduzir a não-existência de outro. Se a minha concepção de agora sobre sistema de proposições estiver correta, é até mesmo regra que da existência [*Bestehen*] de um estado de coisas pode-se deduzir a não existência de todos os outros não-existentes [*Nicht-Bestehen*] que são descritos pelo sistema de proposições. (pp. 63-4, meu itálico)

O problema então é menos com cores, graus ou números do que com o paradigma verofuncional irrestrito para a análise de todas as proposições empíricas. Este não consegue dar conta da organização holista presente em sistemas de proposições, sem ter que ser restrito de maneira *ad hoc* (SILVA 2013a). A verofuncionalidade deve ser *ad hoc* restrita em contextos onde proposições estão organizadas em *Satzsysteme*, como os sistemas de PB §81, e ilustrativamente já presentes no “etc.” de 2.0131. A linha da tabela de verdade que permite a conjunção entre uma proposição “p” e “q” deve ser mutilada se estas proposições forem interpretadas como, por exemplo, “a é verde” e “a é amarelo” ou “a mesa tem 3 metros de comprimento” e “a (mesma) mesa tem 4 metros de comprimento”. Mutilar uma linha da tabela de verdade significa limitar a função de verdade. Não é acidental que esta mutilação aconteça *Notae Philosophicae Scientiae Formalis*, vol. 3, n. 1, pp. 32 – 46, maio 2014.

justamente na linha que revelaria a possibilidade do produto lógico. Esta linha representaria que os dois conjuntos poderiam ser verdadeiros juntos. Tirar esta linha significa bloquear a contrariedade: as duas proposições não podem ser verdadeiras juntas, mas falsas juntas. O bloqueio da contrariedade pela mutilação da primeira linha da tabela de verdade é o fenômeno lógico indicado, mas não reconhecido por Wittgenstein em *Some Remarks* (p. 170).

Neste sentido, não é suficiente ter o tractariano *Vertretung* do objeto por um nome, mesmo que com as acepções políticas do alemão,<sup>3</sup> como Wittgenstein defendeu em 2.131 do *Tractatus*. Nós precisamos remeter à realidade a escala inteira, o sistema (de coordenadas) inteiro para determinar o valor a ser atribuído a uma coordenada e também para determinar os valores restantes que estarão, por conseguinte, *necessariamente* excluídos. Assim, redefinindo o antigo exemplo da régua, para medirmos coisas, nós não precisamos somente dos extremos da régua, mas da régua inteira e de suas possíveis extensões. Nós precisamos do sistema métrico inteiro para sermos capazes de medir algo. Quanto mais sistemas estiverem interagindo no domínio a ser descrito (por exemplo, temperatura, cores, comprimento, peso etc.), mas régua (coordenadas) terão que ser introduzidas para determinar seus pontos. Isto cobre a necessidade de um sistema de coordenadas ou escalas e de suas determinações possíveis já clara no *Some Remarks* (p. 166).

É instrutivo pensar em que extensão o Problema da Exclusão das Cores não teria existido no *Tractatus* se a metáfora utilizada lá tivesse sido, desde o começo, a da régua, uma vez que ela carrega em si a perspectiva holista de um sistema *inteiro* de medidas. Se Wittgenstein tivesse usado esta metáfora como orientadora de sua visão do que é uma proposição e não a de *Bild*, talvez tivesse sido mais fácil para ele notar que uma proposição, mesmo que elementar, poderia, sim, sempre excluir ou implicar outras. Nesta medida, o Problema da

---

<sup>3</sup> Substituir por *vertreten* é diferente de substituir por *ersatz*. A principal diferença é que, no primeiro caso, o substituto [*Vertreter*] substitui, está pelo substituído com todos os “direitos políticos” deste.

Exclusão de Cores poderia ter sido previsto na própria elaboração do *Tractatus* e a romântica ideia diretriz de seu atomismo lógico, a saber, que proposições elementares são logicamente independentes uma das outras, nunca teria sido defendida. Ela é a primeira tese a cair em sua volta à Filosofia, muito embora o outro pilar, não menos quixotesco, continuaria por certo período regulando seus pensamentos: a ideia de uma análise completa da linguagem (e da realidade).

É importante destacar aqui o caráter “orgânico” de metáforas. Do *Tractatus* ao período intermediário a metáfora da régua parece ter “crescido”, se desenvolvido e determinado mais consequências interessantes, além de consertar antigas, apesar de ser a mesma e ter basicamente o mesmo papel: mostrar como podemos entender proposições. Este ganho de predominância da régua em detrimento de *Bilder* também serve para enfraquecer interpretações correntes da passagem 2.1 do *Tractatus* como a de Stenius (1964), Hacker (1987), Hintikka e Hintikka (1986). Assim, podemos ver que esta passagem fora pensada mais como uma metáfora ou aposta que como uma condição (necessária ou transcendental) para tudo que possa ser tomado como representação. No *Tractatus*, a imagem de proposições como *Bilder* é central. E a metáfora da régua surge, apenas marginalmente, para ilustrá-la de maneira mais específica. No período intermediário, quando Wittgenstein pensa retrospectivamente, ele vê que poderia muito bem ter invertido esta relação de importância. A metáfora da régua parece neste contexto ser mais informativa que a metáfora da *Bild*. Como mostrado por Wittgenstein:

Quando eu escrevi: “A proposição é uma figuração [Bild] lógica do fato”, eu estava querendo dizer: Eu posso introduzir na proposição uma figuração e nomeadamente uma figuração simbolizada dentro dela e então prosseguir com a proposição. Eu posso, então, usar uma figuração como uma proposição. Como isto é possível? A resposta é: Porque, em um determinado aspecto, as duas, de fato, se correspondem totalmente e esta comunidade eu chamo de figuração. A expressão *Bild* é então tomada neste contexto em um sentido estendido. (...) A palavra *Bild* tem uma coisa boa: Ajudou-me e a muitos outros a tornar

claro algo de maneira que podíamos indicar algo comum e mostrar: Então isto é o que importa! Nós temos o sentimento: Aha! Agora eu entendo: Proposição e *Bild* são do mesmo tipo. Eu poderia também utilizar uma régua [*Maßstab*] como símbolo, isto é, introduzir uma régua na descrição e assim utilizá-la como uma proposição. Assim, poder-se-ia até mesmo dizer: *Em muitos aspectos a proposição se comporta como uma régua, e eu poderia ter chamado da mesma forma a proposição de régua.* (Por exemplo, nós postamos a totalidade da régua de cores contra a realidade com a afirmação sobre cores [*Farbeaussage*].). (WWK, p. 185, meu itálico)

Esta mesma ideia de uma proposição como régua e o argumento próprio contra a exclusividade de verofuncionalidade orientando a crítica ao *Tractatus* aparecem novamente no parágrafo 84 do PB (p. 112). Isto mostra indiretamente o quanto as discussões com o Círculo de Viena se alinham com os escritos próprios da época, podendo, sim, ser tomadas como documento histórico importante e fidedigno.

### **Expondo e desafiando alguns pressupostos logicistas**

Em um trecho da carta de Wittgenstein a Russell de 1913, temos indicado o quanto de leibniziano há na visão de lógica do *Tractatus*:<sup>4</sup>

...A grande pergunta é a seguinte: como se pode construir um sistema de signos [*Zeichensystem*], de maneira que toda tautologia se deixe ser reconhecida como tautologia de uma e mesma maneira? Este é o problema fundamental da lógica! [*Dies ist das Grundprobleme der Logik!*]” (WITTGENSTEIN p. 128)

Não estou defendendo aqui alguma influência direta, mas tenho apontar uma similaridade reconhecível quanto ao papel *metafísico* do simbolismo lógico. Para o jovem Wittgenstein, uma questão de lógica, ou mesmo o problema fundamental da lógica, deveria ser deslocado para o desenvolvimento de

---

<sup>4</sup> Marion (2012) defende também uma ascendência leibniziana no contexto da lógica tractariana: “Wittgenstein irá opor então à semântica ‘funcional’ e conjuntista de Frege uma ‘Ars combinatória’ leibniziana, uma combinatória de inspiração nitidamente mais construtiva”. (p. 53) *Notae Philosophicae Scientiae Formalis*, vol. 3, n. 1, pp. 32 – 46, maio 2014.



sistemas notacionais que capturassem a imagem de lógica em questão e revelassem, como consequência, a estrutura do mundo. No *Tractatus*, a tabela de verdade é uma tal notação que deveria capturar a lógica tomada como idêntica à tautologia (SILVA 2011 e 2013b). Lógica para o jovem Wittgenstein claramente deveria se engajar com a construção de notações que perspicuamente modelassem, com suas regras de manipulação, a multiplicidade lógica *essencial* do domínio a ser representado. A notação lógica nos conduziria, por assim dizer, para o interior das coisas. Este ideal fica claro quando afirma ao fim de 6.124 que: “(...) Se conhecemos a sintaxe lógica de uma notação qualquer, já estão dadas então todas as proposições da lógica.”

No *Tractatus*, este domínio a ser capturado notacionalmente seria o conjunto absoluto e sem concorrentes do espaço lógico, e em seu retorno à Filosofia, seriam domínios plurais (cores, volume, temperatura, comprimento, dureza etc.) que deveriam ter sua multiplicidade lógica primeiramente tabulada antes de constituirmos qualquer notação. Desta forma, não parece exagerado afirmar que o projeto-*Tractatus* se alinha diretamente com o logicismo, na medida em que um primeiro movimento metodológico positivo desta tradição é a construção de notações perspicuas. Não me parece acidental que, por exemplo, Frege se engaja com a construção de uma *Begriffsschrift* antes de levar a cabo de fato seu projeto de reduzir a aritmética a verdades lógicas (cf. PECKHAUS 1999). Uma assunção “logicista” é a de que haveria um domínio com características lógicas essenciais a serem descobertas e trazidas à luz do dia por uma notação adequada. De maneira que pudéssemos ter acesso indireto à essência da linguagem em questão pela notação mobilizada para expressar a sua multiplicidade lógica. O poder expressivo desta notação seria acompanhado pelo poder de cálculo ou de manipulação regrada de seus símbolos que poderiam mostrar sistematicamente atributos essenciais do domínio representado. Os símbolos para o projeto tractariano, assim como, numa concepção própria Leibniziana, nos levam ao interior das coisas. No *Tractatus*, teríamos ainda que

esta notação especial além de expressar a essência da linguagem permitiria através de sua manipulação determinar se uma proposição complexa pertenceria à lógica (tautologias e contradições) ou às ciências naturais (contingências).

Uma consequência que explicitamente Wittgenstein queria tirar da tabela de verdade como meio notacional é que esta bloqueasse contrassensos e problemas filosóficos: Se compreendêssemos seu funcionamento, entenderíamos a lógica de nossa linguagem, evitando absurdos. Isto se evidencia já na primeira menção de notação no *Tractatus*, emblematicamente logo depois de tentar denunciar como alguns problemas filosóficos (espuriamente) aparecem. Em 3.324 e 3.325 Wittgenstein afirma:

Assim nascem facilmente as confusões mais fundamentais (de que toda a filosofia está repleta). Para evitar esses equívocos, devemos empregar uma notação [*Zeichensystem*] que os exclua, não empregando o mesmo sinal em símbolos diferentes e não empregando superficialmente da mesma maneira sinais que designem de maneiras diferentes. Uma notação, portanto, que obedeça à gramática [*Gramatik*] lógica – à sintaxe lógica. (A ideografia [*Begriffsschrift*] é uma notação, que não chega, todavia, a excluir todos os erros.)

Curiosamente temos, nesta passagem de inauguração das discussões sobre notação no *Tractatus*, o único uso da palavra “gramática” em todo livro. É importante notar que esta única menção à gramática se encontra em um contexto de exigência de expressão via a notação da multiplicidade lógica de um domínio, neste caso, o (único e absoluto) espaço lógico, cuja adequada expressão limitaria problemas filosóficos. Além disso, esta passagem se alinha expressamente com uma tentativa fregiana de expressar mais adequadamente relações lógicas, defendendo inclusive que a notação do *Begriffsschrift* deveria ser melhorada. Isto explica a decepção de Wittgenstein mostrada ao fim do seu *Some Remarks*, uma vez que a sua notação tractariana também não excluía todos os erros, porque ela conferia à realidade uma multiplicidade lógica maior que esta comportava (p. 169).

*Notae Philosophicae Scientiae Formalis*,  
vol. 3, n. 1, pp. 32 – 46, maio 2014.

Em seu ensaio de 1918, intitulado *Der Gedanke*, Frege utiliza uma analogia muito cara ao projeto-*Tractatus*, que se coaduna bem com o engajamento (Leibziano) em filosofia com a construção de meios notacionais: A linguagem como um disfarce do pensamento. Neste ensaio, Frege afirma: “O pensamento, em si mesmo não sensorial, veste-se [*kleidet sich*] com o traje da proposição [*Satzes*] e se torna assim mais palpável [*fassbarer*]. Nós dizemos que a proposição expressa [*ausdrücken*] um pensamento.” Isto mostra uma comunidade crucial entre os projetos de Frege e do jovem Wittgenstein. Este afirma em 4.002 do *Tractatus*, “Die Sprache verkleidet den Gedanken. Und zwar so, dass man nach der äußeren Form des Kleides nicht auf die Form des bekleideten Gedankens schließen kann (...)”. Na tradução ao português não podemos ver o quanto o fraseado e a escolha lexical, não só a ideia de base, são espantosamente fregianos. Contudo, é importante notar que há um tom a mais em Wittgenstein. Enquanto que para Frege a linguagem era um traje que veste o pensamento, para Wittgenstein a linguagem *disfarça* o pensamento de maneira que não podemos reconhecê-lo pela sua simples inspeção.

É natural que aqui a demanda de uma análise lógica seja evocada. Mas não só isto. Há uma demanda (natural) de uma análise lógica *completa* da proposição. Como fica claro na única menção elogiosa em todo o *Tractatus* a Russell. “Toda Filosofia é “crítica da linguagem” [*Sprachkritik*] (...) O mérito de Russell é ter mostrado que a forma lógica aparente [*scheinbare*] da proposição pode não ser sua forma lógica real [*wirkliche*]” (4.0031). Um meio notacional deveria ser construído porque algo escondido deveria ser trazido à tona. Tome aqui como exemplos históricos ilustres o tratamento revolucionário de Frege das quantificações e de Russell em relação a descrições definidas. Neste sentido uma notação lógica correta cumpriria o papel de trazer à luz do dia, como uma ferramenta prospectiva, a lógica escondida de nossa linguagem, largamente ignorada por nós. A má-compreensão desta forma lógica escondida redundaria em problemas e mal-entendidos metafísicos. Isto justificaria a formulação de

inúmeros contrassensos dos quais a filosofia estaria cheia. Mostrar a essência da linguagem de maneira perspicua através de uma notação “perfeita” implicaria poder erradicar erros filosóficos vindos da má compreensão da lógica da linguagem a partir do cálculo e da inspeção das regras sintáticas incorporadas na manipulação dos símbolos da notação (SILVA 2011 e 2012).

O *Tractatus* se mostra totalmente inserido, então, em um contexto filosófico, onde por se ter algo escondido, deveríamos construir meios prospectivos para a tarefa de trazê-lo à tona. A tabela de verdade como meio notacional mais adequado que o *Begriffsschrift* de Frege e a notação dos *Principia* representaria este “meio prospectivo” por excelência. Representaria. Assim como o paradoxo de Russell mostra a Frege que sua *Begriffsschrift* não impedia contrassensos, o Problema da Exclusão das Cores mostra a Wittgenstein, que sua notação não faz o que foi elaborada para fazer, *inter alia*, erradicar absurdos. A sua crítica de 3.325 feita às notações de Frege e de Russell recai, ironicamente, sobre sua própria notação.

Desta forma, se sumarizarmos estas teses logicistas presentes no *Tractatus*, como i) toda proposição tem uma única forma lógica, ii) esta forma lógica está escondida pela forma gramatical superficial da proposição, iii) esta forma lógica é invariavelmente mais complexa do que achamos e iv) esta forma lógica escondida deve ser descoberta pelo filósofo, teremos uma boa base para apostar em uma datação para o abandono do *Tractatus* como um projeto. Isto não acontece, como vimos, quando Wittgenstein volta à filosofia em 1929. Se tentamos de fato corrigir um projeto, é claro que ainda acreditamos que ele eventualmente pode ficar de pé após as devidas modificações. Que a tese da independência lógica das proposições atômicas caia, implica que a ideia de tabela de verdade, ou notações equivalentes a elas, como o meio notacional caia, mas não que o projeto em si de análise a partir de meios notacionais especiais (e adicionais) seja abandonado. Este projeto poderia ser formulado da seguinte maneira: Construir uma ou mais notações que venham cumprir o papel

de expressar essencialidades lógicas (multiplicidades lógicas) de sistemas diversos de maneira que a formulação de contrassensos seja bloqueada. Se filosofia fosse de fato apenas tabular regras escondidas de sistemas de proposições, a construção de notações perspícuas para podermos mostrar sistemática e diagramaticamente estas regras seria uma complementação indispensável para esta empresa.

### **Um epitáfio para o *Tractatus***

Defendo, à luz da discussão anterior, que abandonar o *Tractatus* significa não só abandonar a arrogância de seu dogmatismo<sup>5</sup> mas, mais do que isto, significa abandonar a ideia de uma análise completa das proposições complexas. Em última instância, não haveria nenhuma forma lógica escondida e bem determinada para ser trazida à tona por uma análise lógica. Não haveria nada escondido na linguagem. Seguindo esta conclusão poderíamos afirmar que a discussão com alguns membros do Círculo de Viena, em nove de dezembro de 1931 em *Neuwaldweg*, é uma boa candidata a anúncio *público* de um epitáfio do projeto-*Tractatus* feito por Wittgenstein:

Uma representação [*Darstellung*] dogmática pode ser primeiramente objetada pelo fato de ser de certo modo arrogante. Mas isto ainda não é o pior. Ainda mais perigoso é outro erro que perpassa todo o meu livro [*durchzieht*]. Esta é a opinião [*Auffassung*] que existiriam perguntas para as quais somente mais tarde poderíamos achar uma resposta. Não se tem ainda o resultado, mas se pensa que se tem o caminho pelo qual se pode encontrá-lo.<sup>6</sup> (...) A opinião falsa [*die falsche Auffassung*] contra a qual eu gostaria de me posicionar é a de que nós poderíamos chegar a alguma coisa, que nós hoje ainda não vemos, que nós podemos *achar* algo totalmente novo [*ganz Neues*].

---

<sup>5</sup>Cf. Prefácio do *Tractatus*: "(...) Por outro lado, a *verdade* dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva. Portanto, é minha opinião que, no essencial [*im Wesentlichen*], resolvi de vez todos os problemas. E se não me engano quanto a isso, o valor deste trabalho consiste, em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas."

<sup>6</sup>Essa é exatamente a estratégia argumentativa, dentre outras passagens do *Tractatus*, evidente na altamente problemática 6.3751!

Isto é um erro [*Irrtum*]. Na verdade nós já temos tudo, e de fato *agora* [*gegenwärtig*]. Não precisamos esperar coisa alguma. Nós nos movimentamos no domínio da gramática [*im Bereich der Grammatik*] de nossa língua comum [*gewöhnlichen Sprache*]. E esta gramática já está lá. Nós já temos então tudo e não precisamos esperar algo apenas no futuro(...) Nós não podemos [*können*] fazer mais nada que *tabular regras* [*Regel tabulieren*]. Se eu diagnosticar através de perguntas [*Befragen*] que uma pessoa reconhece para uma palavra às vezes esta regra as vezes outra, então eu digo para ela: Assim você deve [*musst*] então diferenciar detalhadamente *como* você usa esta palavra e *mais do que isto eu não quero* [*wollen*] dizer. Eu chamo a atenção da pessoa ao que ela de fato faz e me concentro em cada afirmação [*Behauptung*] dela. (...) Se trata então de se fazer distinções essenciais e fundamentais. (WWK. p. 183-6)

## Bibliografia

FREGE, G. (1918). *Der Gedanke, eine logische Untersuchung*, in: *Logische Untersuchungen*. Editor Günther Patzig. Göttingen: Kleine Vandenhoeck-Reihe, 1986.

HACKER, P. (1986) *Insight and Illusion: themes in the Philosophy of Wittgenstein*. Oxford: Clarendon Press.

HINTIKKA, M. B., and HINTIKKA, J. (1986) *Investigating Wittgenstein*. Oxford. Blackwell.

MARION, M. (2012) *Ludwig Wittgenstein: Introdução ao Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Annablume.

PECKHAUS, V. (1999) "19th Century logic between Philosophy and Mathematics". *Bulletin of Symbolic Logic* 5: 433-450.

RAMSEY, F. (2012) "Resenha ao *Tractatus Logico-philosophicus* de Wittgenstein". Traduzido por Marcos Silva. *Philosophos*, Goiânia, v.17, N. 2, pp. 263-288.

SILVA, Marcos. (2011) *Wittgenstein, Cores e Sistemas: aspectos lógico-notacionais do colapso do Tractatus*. *Analytica*, Rio De Janeiro, vol 15 nº 2, p.229-264.

\_\_\_\_\_. (2012) *Muss Logik für sich selber sorgen? On the Color Exclusion Problem, the truth table as a notation, the Bildkonzeption and the Neutrality of Logic in the Collapse and Abandonment of the Tractatus*. PhD Thesis. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

*Notae Philosophicae Scientiae Formalis*,  
vol. 3, n. 1, pp. 32 – 46, maio 2014.

\_\_\_\_\_. (2013a) *Holismo e Verofuncionalidade: Sobre um conflito lógico-filosofico essencial*. *Philosophos*, Goiânia, v.18, n. 2, p.167-200.

\_\_\_\_\_. (2013b) *On degrees of exclusion within and among systems*. *Argumentos*, ano 5, n. 10, pp. 151-166. - Fortaleza.

STENIUS, E. (1964) *Wittgenstein's Tractatus*. New York: Cornell University Press.

WITTGENSTEIN, L. (1931/1984). *Philosophische Bemerkungen*. Werkausgabe Band 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

\_\_\_\_\_. (1929) *Some Remarks on Logical Form*. *Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volumes*, Vol. 9, *Knowledge, Experience and Realism*, pp. 162-171

\_\_\_\_\_. (1984) *Tractatus Logico-philosophicus. Tagebücher 1914-16*. *Philosophische Untersuchungen*. Werkausgabe Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

\_\_\_\_\_. (1984) *Wittgenstein und der Wiener Kreis (1929-1932)*. Werkausgabe Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp.